



## **IX Fórum de Saúde da População Negra do Município de São Paulo**

13 de maio de 2020.

A Aliança realizou a IV edição do Fórum Municipal de Saúde da População Negra, inaugurando seu canal no YouTube, em 13 de maio de 2020.

Ana Luiza da Silva, da Coordenação Executiva da rede, abriu a atividade comemorando a criação do canal e a adesão das pessoas a mais essa iniciativa da Aliança, cujo objetivo é mobilizar as pessoas e instituições em atenção à saúde da população negra no município de São Paulo, desde sua fundação em 2018. O evento se deu em forma de live, em função da pandemia do covid e a necessidade de isolamento social, o que inviabiliza a realização de eventos presenciais.

O convidado ao debate era Hugo Nicolau Barbosa, geógrafo e analista de sistema, que, conforme você pode ver aqui, apresentou-se com base nos dados oficiais do município de São Paulo, disponíveis na página da Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo, a partir do tema “Desigualdades territoriais e raciais no contexto da COVID-19”.

No diálogo com os participantes, que enviavam suas perguntas e comentários via chat, o geógrafo destacou a disparidade regional existente na cidade, a ausência de testes (usados apenas para quem já chega doente ao sistema, a pouca disponibilidade de leitos no SUS, fator que é anterior à pandemia, a grande quantidade de óbitos e a ausência de informação sobre o perfil da população acometida pela doença. O quesito raça-cor na avaliação do especialista, tem sido constantemente ignorado na elaboração dos boletins epidemiológicos e isso, indica o quanto essa discussão é ausente na gestão municipal, já que todos os indicadores da saúde são historicamente muito ruins para a população negra. Além disso, a covid nos revela, segundo o Fórum, que essas questões são para além da pandemia, pois, as questões presentes nesse debate estão na ordem do dia há décadas (vide implantação da Política de Saúde da População Negra na União, nos Estados e Municípios).

Confira abaixo os comentários dos participantes:

- Há alguma medida que você considera que foi positiva até agora (do poder público).
- É possível mensurar o quanto das iniciativas da própria comunidade de se proteger do covid contribuíram para esses números não serem ainda maiores?
- Como podemos pressionar para que esses dados sejam divulgados de forma transparente para população?
- Como os sem tetos tem feito para sobreviver a mais essa dificuldade? E como é computado a morte dessas pessoas quando não são atendidas, já que são invisíveis a sociedade?
- O isolamento por si só não funciona!
- Em Brasilândia está o fluxo!
- Acredito que a testagem está disponível para uma parcela privilegiada da população enquanto nas periferias a testagem vem após o óbito. Parabéns Aliança Pró-SPN!



- Quais as formas efetivas de pressão quando estamos restritos em casa?
- Essa política que esconde os números reais é um projeto de genocídio, há quem diga. Leiam Ana Flauzino: “Corpo Negro Caido no Chão”.
- Necropolítica na prática!
- Temos uma baixa cobertura na realização de testes, sobretudo nas áreas mais periféricas, o que dificulta o reconhecimento da transmissão.
- Daí a gente vê a quem interessa desacreditar sobre a gravidade do Coronavírus: como são pessoas pretas e periféricas morrendo, não há interesse do governo federal em conscientizar...
- Ainda mais se tanta gente idosa vai morrer, num contexto que querem acabar com as aposentadorias. junto com esses dados fica óbvio q o projeto é eugenia
- Boa Noite! Mas esse não é objetivo do nosso sistema? Descaso aos pobres? Cortaram a água em Paraisópolis em época de pandemia!!! Qual a meta/objetivo desse governo com os pobres e abaixo disso?!?!
- O lockdown é uma boa saída para as periferias dentro desse contexto?
- As pessoas começaram a usar máscara como se fosse a vacina.
- Verdade. Coloca a máscara e vida normal!
- MÁSCARA SALVA... Propaganda ridícula.
- A expansão da lista de serviços essenciais tem contribuído para o aumento da transmissão. Os trens da CPTM estão lotados de manhã.
- Banalização das mortes, virou só um número.
- As pessoas começaram a usar máscara como se fosse a vacina.
- Você acredita que possa chegar ponto de tanto sistema público quanto particular ficar superlotado? Será que só quando hospitais particulares ficarem sem leito de UTI o olhar será outro?
- Eu acho que deveria ter umas campanhas de conscientização direcionadas mais aos jovens... Galera está achando que é férias, muitos não estão pensando nos mais velhos.
- Você acredita que com hospital de campanha na zona leste que atenda casos com sintomas ditos leves isso poderia diminuir a letalidade na população periférica?
- Sobre a Questão de isolamento para os testados positivos, é que na periferia há muitas residências que concentram um número grande pessoas d poder público não lança mão de outras recomendações como hotéis; etc.



- Diante deste descaso é que teremos que cuidar nas nossas comunidades, das questões psicossociais das nossas periferias imediatamente. O que fazer nesta questão? Há um enorme descaso social.
- Escolas públicas poderiam ser usadas para essa finalidade?
- Por que não reativaram o Hospital Sorocabana, por exemplo, mas colocaram leitos ao ar livre? Eles têm estrutura climática?!
- Você sentiu algum impacto nas periferias depois da medida do governo em incluir salões de beleza e afins?
- Não acompanhei desde o início, mas acho que uma forma de pressionar a PMSP é solicitar via Lei de Acesso à Informação. Tem os prazos, mas é algo que pode incentivar uma possível divulgação.
- Estou na região leste de São Paulo e o cuidado é zero; as pessoas estão encaminhadas para se cuidarem em casa, sem testagem, mas estão com sintomas.

Concluindo, é importante considerar, como nos lembrou Hugo Nicolau, que muita gente importante, como os Professores da USP podem ajudar na pressão sobre a necessidade dos dados, ao invés de se preocuparem apenas com suas publicações sobre temas relevantes. É preciso informação semanalmente para além da testagem atrasada, já que as pessoas estão morrendo sem resultados. Temos o direito de saber o que acontece na cidade e todos podemos fazer pressão para isso.

Quando questionados, os gestores respondem uma resposta padrão que dizem estar disponível online, mas aquelas informações não nos contemplam; teríamos então que pedir a cada boletim, a cada semana, mas por meio da lei de acesso à informação, eles tem 90 dias para responder as demandas, o que não nos ajuda.

É preciso lembrar das diferenças regionais, quando comparadas as regiões como Sapopemba e Morumbi, sem teste, além do porquê Brasilândia tem tantas mortes e tão poucos testes confirmados. O acesso ao Albert Einstein em detrimento dos hospitais públicos e o como isso se dá, merecem a nossa atenção. O hospital mais próximo de Brasilândia é o Parada de Taipas.

No que tange as ações políticas, logística, critérios, leitos, fila do SUS, a curva relacionada a população branca e a população negra, considerando quem vive mais, antes de covid, é muito diferente e muito entre si. Os cemitérios dos ricos não lotam como o dos pobres. É preciso cartografia, como o que tem feito a UNESP. Se a gente consegue fazer, o poder público também consegue; mas, aparentemente, não quer. O Departamento de Geografia da USP, por exemplo, poderia ajudar nisso, tal como os parlamentares e as demais pessoas influentes...

O uso das redes sociais, ofícios pedindo a divulgação dos dados reais também podem ser importantes. A falta de transparência não é à toa. É preciso questionar se a fila realmente está zerada, como dizem as autoridades. Na política de Dória, a fila some em um dia, mas aparece maior no outro, como no caso do corujão. Nesse município, a política é carro de som na periferia.



É preciso mandar uma lista de perguntas para eles responderem. E na forma como o processo é conduzido, parece que o problema é só dos biólogos. Não há outro ator nesse processo.

Fala-se em lockdown, na busca do novo normal, mas o novo normal é esse, sem política, com as pessoas trabalhando sem acesso ao benefício (de R\$600, dificultados pelo mesmo governo que diz ajudar a população no enfrentamento da pandemia), diferente de Heleno e aquele monte de ministros, que possuem acesso à saúde, por isso não ficaram entubados, percorrendo o trajeto das pessoas mais vulneráveis entre as unidades. Não se fala na possibilidade, por exemplo, de uma unidade de testagem só para esse fim, além da dificuldade de levar hospitais de campanha para periferia.

Em meio a isso tudo, ainda tem o negado direito ao luto, inclusive em casos muito específicos como a religiões afro-brasileiras, embora haja pessoas abrindo o caixão para conferir o corpo de seus entes. A presença dos hospitais privados na cidade, é sempre nas regiões mais ricas; no extremo sul segundo o Geocentro não tem hospital privado, quem dirá do porte do Eisten. E na sala de imprensa você pode ver o último boletim: é de 1 de maio e agora é quinzenal; há um boletim diário, mas sem os dados por distritos, o que dificulta a análise da evolução da pandemia.